

O Colégio Pedro II e outras instituições de excelência: os alunos nas suas relações com os pais e com os professores

Diana Mandelert
PUC-Rio

I - Introdução

Este trabalho faz um recorte do material empírico do programa de pesquisa desenvolvido pelo SOCED/PUC-Rio (Grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) - *Processos de produção de qualidade de ensino: Escola, Família e Cultura*. O objetivo maior do programa é analisar a produção da imagem de excelência escolar¹ de algumas escolas da cidade do Rio de Janeiro.

Para a realização da pesquisa foi desenvolvido um *survey*, composto de três questionários (alunos, pais e professores), que nos permitiu traçar um perfil socioeconômico e cultural dos principais agentes educativos das nove escolas². Os dados produzidos a partir dos questionários³ permitiram esboçar um quadro das características do investimento dessas famílias na escolarização dos filhos e a relação dos jovens com os estudos⁴. O *survey* foi aplicado nas turmas de 8^{as} séries. Esta faixa etária foi escolhida por esses jovens apresentarem características dos dois segmentos - fundamental e médio - portanto, ainda não têm a autonomia dos estudantes de ensino médio, mas também não são tão tutelados pelas famílias como nas séries iniciais do ensino fundamental. Neste

¹ Recorrentemente apontadas pela mídia como as melhores escolas da cidade do Rio de Janeiro: duas confessionais, duas bilíngües, duas públicas de excelência, duas alternativas e uma judaica.

² Publicado em VARGAS, Hustana; MANDELERT, Diana. (2004) Pais - Estratégias educativas das famílias. In: XII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Conhecimento Local e Conhecimento Universal, Curitiba. XII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Conhecimento Local e Conhecimento Universal.

³ O questionário dos alunos foi aplicado em sala de aula em todas as turmas dos alunos de 8ª série, totalizando 850 alunos. O questionário dos pais foi encaminhado através dos alunos e tivemos um retorno de 395 pais. O questionário dos professores foi enviado e entregue na secretária da escola e foi respondido por 244 professores da 8ª série (atual 9º ano).

⁴ Publicado em BRANDÃO, Zaia; MANDELERT, Diana; PAULA, Lucília de. (2005) A circularidade virtuosa: investigação sobre duas escolas no Rio de *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35. n. set/dez, p. 747-758.

texto apresento alguns resultados destacando o Colégio Pedro II, Unidade Humaitá, uma das escolas da nossa mostra, em relação às oito outras do universo investigado.

II - Pais e filhos

Para metade das famílias de todas as escolas, a principal fonte de informação sobre o desempenho escolar é o próprio filho e, em segundo lugar, o boletim escolar⁵. A exceção fica por conta das escolas bilíngües nas quais a segunda fonte indicada, depois do filho, é a reunião de pais. Nas confessionais os pais se dividem entre o filho e o boletim. Essas respostas indicam a atitude de confiança que a família estabelece com os filhos a respeito da escolarização. Essa interpretação é reforçada e construída pelo intenso diálogo que esses pais mantêm com os filhos sobre diversos assuntos, como constatamos pelas respostas ao questionário do *survey*. Entre os temas de conversa que tiveram a maior taxa de respostas "quase sempre" ou "sempre" estão: continuidade dos estudos (CPII - 90,3%), e sobre a futura profissão (CPII - 75,9%). O que nos indica a convicção desses pais sobre a escolaridade de longa duração para os filhos.

A autonomia que os pais estimulam junto aos filhos é percebida nos 41% dos pais que indicam que só interferem nas tarefas escolares quando o filho pede ajuda, (sendo que no CPII esta porcentagem é ainda mais elevada com 52,5%). A confiança se reafirma quando o filho apresenta resultados ruins: 66% dos pais do *survey* oferecem apoio nos estudos e apenas 7% dos pais impõem sanções aos filhos. A confiança na própria escola é grande, pois também quase nenhum familiar questiona a escola diante de um resultado negativo do filho.

As entrevistas exploratórias realizadas na escola judaica sinalizaram no mesmo sentido. Estas famílias são confiantes em relação à escolarização dos

⁵ No Colégio Pedro II a principal fonte de informação ser o filho teve 59,3% das respostas, o boletim escolar: 32,2%.

filhos porque estão atentas a isso. Nada passa despercebido, se o filho diz muito freqüentemente que não tem dever de casa eles ligam para a escola para saber o que está acontecendo, se o filho precisa de professor particular este apoio é dado. Uma das mães, por exemplo, relatou que sempre tinha feito o discurso de que os filhos tinham obrigação de ter um bom desempenho na escola, pois essa era sua única obrigação. Mesmo fazendo essa afirmação, essa mesma mãe não descartou a ajuda de um professor particular para ajudar o seu filho a se recuperar em Matemática. No entanto, um dos filhos apresentou problemas com matemática, e a escola ofereceu um reforço para os alunos que estavam com dificuldades. Inicialmente tentaram o reforço dado na própria escola, mas como não surtiu o efeito desejado, procuraram por iniciativa própria um professor particular. Outra mãe fez com que o filho pulasse de ano ao notar que o que era feito era fácil demais para ele.. Estas duas situações mostram que a confiança dos pais é decorrente de um grande domínio de conhecimento sobre o sistema escolar, eles sabem quando devem agir para que seus filhos tenham trajetórias escolares de sucesso.

Esta confiança também pode ser atribuída ao resultado efetivo dos alunos, pois apenas 8,7% dos alunos repetiram alguma vez o ano, apresentando, normalmente, um fluxo escolar sem interrupções ou repetências. Os próprios alunos vêem sua escolarização de forma bem sucedida, tendo em vista que apenas 15% que assinalaram ter notas abaixo da média, no caso do CPII a percepção é ainda melhor, com apenas 6,8% considerando-se abaixo da média (tabela 2).

Tabela 1 - Frequência absoluta e relativa de repetência segundo a tipologia das escolas

			CPII	Pub. Federal	Bilíngües	Confessionais	Alternativas	Judaica	Total
Você já repetiu o ano?	Nunca	Freq.	100	55	135	308	62	69	729
		%	80,6%	84,6%	91,8%	91,1%	63,9%	92,0%	86,2%
	Sim 1 vez, nesta escola	Freq.	13	9	8	28	12	4	74
		%	10,5%	13,8	5,4%	8,3%	12,4%	5,3%	8,7%
	Sim, 1 vez em outra escola	Freq.	1	0	3	1	17	2	24
		%	0,8%	0,2%	2,0%	0,3%	17,5%	2,7%	2,8%
	Sim, 2 vezes ou mais	Freq.	10	1	1	1	6	0	19
		%	8,1%	1,5%	0,7%	0,3%	6,2%	0,0%	2,2%
Total		Freq.	124	65	147	338	97	75	846
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Tabela 2 - Frequência absoluta e relativa da auto-percepção da posição relativa do aluno relativa às notas segundo a tipologia das escolas

			CPII	Púb. Federal	Confessionais	Bilíngües	Alternativas	Judaica
Suas notas são acima, abaixo ou na média?	Acima da média	Freq.	45	18	110	52	25	25
		%	38,1%	29,0%	33,1%	35,9%	26,6%	33,8%
	Na média	Freq.	65	42	174	75	59	38
		%	55,1%	67,7%	52,4%	51,7%	62,8%	51,4%
	Abaixo da média	Freq.	8	2	48	18	10	11
		%	6,8%	3,2%	14,5%	12,4%	10,6%	14,9%
Total		Freq.	118	62	332	145	94	74
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

A diferença das escolas alternativas para as outras na taxa de repetência pode estar refletindo o caráter inclusivo destas escolas e também o fenômeno relativamente freqüente de transferência de alunos de escolas "mais exigentes" para essas escolas que têm um caráter mais compreensivo e de atenção mais individualizada.

Esta percepção não é afetada nem quando metade dos alunos de todas as escolas do survey indica necessitar de ajuda de professor particular (ver tabela 3). Um percentual de 21% dos alunos que assinalaram ter suas notas acima da média mesmo assim fazem uso do professor particular, principalmente no período de provas (ver tabela 4 e 5). Esta conduta caracteriza a relação das famílias culturalmente favorecidas com o universo escolar. De acordo com Devouassoux-Merakchi (apud Nogueira 2003[2000], p. 135) estas famílias têm como traço a "antecipação à ação e aos ritmos escolares", realizando um "superpreparação para os momentos decisivos do percurso escolar". Vemos aqui as atitudes que os pais e os jovens desenvolvem para converter o capital cultural familiar em capital escolar.

Tabela 3 - Freqüência absoluta e relativa da utilização de professor particular segundo a tipologia das escolas

			CPII	Pub. Federal	Bilíngües	Confessionais	Alternativas	Judaica
Você teve professor particular?	Não	Freq.	61	35	100	211	58	35
		%	49,2%	53,8%	69,9%	62,2%	59,8%	46,1%
	Sim	Freq.	63	30	45	128	39	41
		%	50,8%	46,2%	31,0%	37,8%	40,2%	53,9%
Total		Freq.	124	65	145	339	97	76
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Tabela 4 - Freqüência absoluta e relativa da utilização de professor particular segundo a autopercepção das notas do aluno (acima, abaixo ou na média)

				Suas notas são acima,abaixo ou na média?		
				Acima da média	Na média	Abaixo da média
Você teve professor particular?	Não	Freq.		216	239	29
		%		78,8%	53,1%	29,9%
	Sim	Freq.		58	211	68
		%		21,2%	46,9%	70,1%
Total	Freq.			274	450	97
	%			100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Tabela 5 - Freqüência absoluta e relativa da circunstância em que o aluno precisou de professor particular segundo a autopercepção das notas do aluno (acima, abaixo ou na média)

			Suas notas são acima,abaixo ou na média?		
			Acima da média	Na média	Abaixo da média
Circunstância em que precisou de professor particular?	O ano inteiro	Freq.	11	56	24
		%	19,3%	26,4%	35,8%
	Só no período da prova	Freq.	29	100	22
		%	50,9%	47,2%	32,8%
	Eventualmente	Freq.	17	56	21
		%	29,8%	26,4%	31,3%
Total	Freq.		57	212	67
	%		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Esta "superpreparação" é reforçada quando vemos que, na maioria das vezes, a contratação de um professor particular é uma decisão da família independente da escola. De acordo com as freqüências gerais de todas as escolas, 88% assinalam que a decisão de ter professor particular foi do próprio

aluno, 56% dos pais e apenas 14% por sugestão da escola e do professor. Quando analisamos o dado por escola, observamos que apenas nas escolas alternativas e judaica a sugestão da escola e do professor é maior, respectivamente 51% das escolas alternativas e 26% nas escolas judaicas (Ver tabela 6). A preocupação com as notas dos alunos foi demonstrada de fato no depoimento da psicóloga do 2º segmento do ensino fundamental da escola judaica, esta afirmou que seu trabalho é marcado pela "antecipação".

Perrenoud (apud Silva, 2003, p.314), declara que a avaliação é a razão principal pela qual pais e professores entram em contato. Assim, o extremo cuidado com os resultados escolares que as famílias e as escolas têm, nos leva a pensar que as relações família-escola nas escolas de prestígio do *survey* do SOCED tendem a ser mais recorrentes. Tanto a família quanto a escola combinam estratégias que levam para a mesma direção, ou seja, o êxito dos alunos.

Tabela 6 - Frequência absoluta e relativa da circunstância em que o aluno precisou de professor particular por sugestão da escola/professor segundo a tipologia das escolas

				CPII	Pub. Federal	Bilíngüe	Confessionais	Alternativas	Judaica	Total
Precisei de Não	Freq.	%	Freq.	52	27	37	121	19	28	284
				94,5%	93,1%	90,2%	95,3%	48,7%	73,7%	86,3%
particular por Sim	Freq.	%	%	3	2	4	6	20	10	45
				5,5%	6,9%	9,8%	4,7%	51,3%	26,3%	13,7%
escola / Total	Freq.			55	29	41	127	39	38	329
professor		%								

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

A diferença entre a escola judaica e as alternativas para as outras escolas, cujos professores sugerem menos freqüentemente o professor particular, pode ser explicada de formas diferentes. A escola judaica tem dentre seus objetivos

a transmissão de valores judaicos para a formação de uma identidade e a constituição de um grupo de excelência. Conforme o coordenador do ensino médio afirmou em entrevista, a escola judaica ao mesmo tempo em que é exigente não é uma escola seletiva. Assim, faz sentido os professores e coordenadores estarem atentos para as notas dos alunos.

"A gente tem uma reprovação que é dentro do esperado, é uma escola exigente, é uma escola ambiciosa, é uma comunidade ambiciosa quer que os filhos venham a disputar as vagas nas melhores universidades. Não é uma escola seletiva, que indiscriminadamente elimina do processo o aluno que tem características eventualmente diferentes. Não. De jeito nenhum. A gente chega com o aluno até a 3ª série, alguns fracos mas todos esforçados, sérios e comprometidos e que nos deixam na hora de se reunir em conselho de classe muito à vontade para promover um aluno ainda que não tenha sido suficiente, desde que a gente identifique maturidade, responsabilidade, dedicação, empenho." (coordenador do ensino médio - da escola judaica)

A explicação para as escolas alternativas provavelmente está na própria definição de "estabelecimentos inovadores" feita por Ballion (apud Nogueira, 1998, p.53). A partir do momento que a ênfase maior dessas escolas é o "cuidado com a realização pessoal do educando" e que "a excelência escolar não é explicitamente colocada como um objetivo, ela é mediatizada pela ação a ser exercida sobre a personalidade da criança com vistas ao desenvolvimento de suas múltiplas potencialidades". Ao focar o aluno de forma individualizada a busca de soluções para problemas enfrentados também pode passar a ter o mesmo caráter.

Em contrapartida, as escolas confessionais e públicas são altamente seletivas. Até 2003 era possível a realização de existiam provas de entrada, consideradas tão difíceis que eram denominadas de "vestibulinhos"⁶. Atualmente nas escolas públicas federais a entrada dos alunos é feita de forma diferente conforme o ano escolar, pode ser feita apenas por sorteio, ou com uma prova de

⁶ O Conselho Nacional de Educação, através do Parecer nº 27/2003 - CNE/CEB, aprovou o questionamento sobre a realização de "vestibulinhos" na Educação Infantil e na Educação Fundamental.

nivelamento seguida por sorteio. Ocorre que não só a procura é muito maior do que as vagas disponíveis, semelhante ao que ocorre nas escolas confessionais, como também só é possível a entrada em determinados anos do percurso escolar⁷. As famílias e os alunos sabem, portanto, que o investimento para se manter nesses colégios tem que ser alto. A persistência em resultados ruins leva, em geral, ao afastamento do aluno pela escola.

As escolas bilíngües por sua vez, talvez não indiquem a ajuda de professores particulares pelo diferencial que elas oferecem às famílias em relação às outras escolas. Ou seja, quando as famílias procuram estas escolas é porque elas são "completas", garantem o aprendizado de línguas estrangeiras, têm professores internacionais, salas com poucos alunos e tempo integral ao estilo americano e europeu (7 horas), além do alto valor das mensalidades. O regime de tempo integral leva as famílias a pensar que não haverá a necessidade de ter este gasto adicional do professor particular.

III - Professores e alunos

Para entender a visão que os professores têm dos seus alunos, foi pedido no questionário dos professores que assinalassem se os seus alunos possuíam as seguintes características: estudiosos, educados, críticos, arrogantes, agitados e desligados⁸.

As características mais recorrentes entre as respostas dos professores foram a de que seus alunos são educados, agitados e críticos e não são desligados. Vale salientar que as freqüências das escolas públicas e alternativas foram mais altas do que as das outras escolas para críticos (vide tabela 7)⁹; os alunos das escolas bilíngües foram considerados agitados por um menor número de professores. Os alunos da escola judaica vão se diferenciar das demais pelo

⁷ No CPII há sorteio para o 1º ano e prova de seleção para o 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

⁸ Não foram incluídas na análise as escolas bilíngüe 1 e confessional 1 por diferenças nos questionários.

⁹ As porcentagens do CPII foram muito similares às da outra escola pública federal.

menor percentual de professores que os caracterizaram como educados (60%) e pelo maior percentual para arrogantes com 57%, nas demais escolas esta última característica teve no máximo 19% dos casos, com exceção da bilíngüe 2 que teve 43%. Cabe lembrar, que nestas escolas (bilíngüe 2 e judaica) concentram-se as famílias de renda mensal bruta mais elevada.

Tabela 7 - Frequência absoluta e relativa do perfil dos alunos assinalados pelos professores respondentes segundo a tipologia das escolas

			Judaica	Bilíngüe 2	Confessional 2	Alternativas	Públicas	Total
Educados	Sim	Freq.	9	7	16	24	29	85
		%	60,0%	100,0%	94,1%	77,4%	72,5%	77,3%
Críticos	Sim	Freq.	10	6	13	31	38	98
		%	66,7%	85,7%	81,3%	96,9%	90,5%	87,5%
Arrogantes	Sim	Freq.	8	3	3	6	7	27
		%	57,1%	42,9%	17,6%	18,8%	16,7%	24,1%
Agitados	Sim	Freq.	14	4	9	30	38	95
		%	93,3%	57,1%	56,3%	93,8%	90,5%	84,8%
Desligados	Sim	Freq.	2	2	3	7	9	23
		%	13,3%	28,6%	17,6%	21,9%	21,4%	20,4%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

As células devem ser lidas de forma independente.

Na tabela 8 apresento os resultados da avaliação dos professores sobre a característica “estudiosos” e na tabela 9 o número de horas estudadas por semana conforme a resposta dos alunos, para verificar as possíveis congruências ou incongruências.

Tabela 8 - Frequência absoluta e relativa da característica "estudiosos" no perfil dos alunos de acordo com os professores segundo a tipologia das escolas

		Judaica	Bilíngüe 2	Confessional 2	Alternativa 1	Alternativa 2	CPII	Pub. Fed.	
Estudiosos	Sim	Freq.	7	5	14	12	2	8	17
		%	46,7%	71,4%	82,4%	50%	28,6%	47,1%	70,8%
	Não	Freq.	8	2	3	12	5	9	7
		%	53,3%	28,6%	15,8%	50%	71,4%	52,9%	29,2%
Total		Freq.	15	7	17	24	7	17	24
		%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Tabela 9 - Frequência absoluta e relativa do tempo de estudo semanal dos alunos segundo a tipologia das escolas

		Judai ca	Bilíngües		Confessionais		Alternativas		Públicas		Total	
		1	1	2	1	2	1	2	CPII	2		
Quanto tempo você estuda por semana?	Entre 1 e 3 horas	Freq	55	44	31	116	37	37	26	75	35	456
		%	72,4	57,1	44, 9	48,1	38,5	78,7	57,8	62,5	53, 8	54,5
	Entre 3 e 5 horas	Freq	16	19	24	79	24	6	9	24	17	218
		%	21,1	24,7	34, 8	32,8	25,0	12,8	20,0	20,0	26, 2	26,1
	Entre 5 e 8 horas	Freq	3	12	8	32	21	4	3	13	11	107
		%	3,9	15,6	11,6	13,3	21,9	8,5	6,7	10,8	16,9	12,8
	Mais de 8 horas	Freq	2	2	6	14	14	0	7	8	2	55
		%	2,6	2,6	8,7	5,8	14,6	0	15,6	6,7	3,1	6,6
Total		Freq	76	77	69	241	96	47	45	120	65	836
		%	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Vemos, portanto, uma grande diferença nas freqüências. Os alunos considerados mais estudiosos são os alunos da escola confessional 2. De fato, na comparação com as outras escolas, foram os alunos que assinalaram mais horas de estudo: 37% dos alunos estudam mais de 5 horas por semana. Os alunos menos assinalados como "estudiosos" foram os da alternativa 2, no entanto esta percepção não é compatível com as respostas dos alunos, pois junto com os da confessional 2 foram os que mais assinalaram estudar mais de 5 horas por semana: 22%. Os alunos da escola judaica são considerados estudiosos por menos da metade dos professores respondentes. Esta percepção é reforçada com o cotejamento dos dados do questionário dos alunos: eles são os que menos estudam: 7,5% informaram estudar mais de 5 horas por semana, junto com os alunos da alternativa 1 com 8,5%. Nas outras escolas o menor percentual foi do CPII (17,5%).

Sobre a relação professor - alunos¹⁰, fizemos quatro perguntas equivalentes nos questionários dos professores e dos alunos; os resultados obtidos estão abaixo.

- a) Freqüência com que os alunos demoram em fazer silêncio - igual nos dois questionários (tabela 10).
- b) "Freqüência em que há barulho e desordem na sala de aula" - no questionário dos alunos e "Os alunos são bagunceiros?" - no questionário dos professores (tabela 11).
- c) "Freqüência com que os alunos não prestam atenção ao professor" - no questionário dos alunos e "Freqüência que os alunos têm dificuldade em prestar atenção" no questionário dos alunos (tabela 12).
- d) "Freqüência com que os professores explicam até que todos os alunos entendam a matéria" no questionário dos alunos e "Freqüência que os

¹⁰ Neste item não estão incluídas as escolas bilíngüe 1 e confessional 1, pois foi perguntado apenas sim ou não no questionário anterior. No novo oferecemos como opções: "na maioria das aulas", "em algumas aulas" e "nunca". Os itens correspondentes no questionário dos alunos também não incluem as escolas bilíngüe 1 e confessional 1.

alunos preocupam-se em entender a matéria" no questionário dos professores (tabela 13).

Nas respostas sobre estes assuntos, os professores de todas as escolas tenderam a ter respostas mais favoráveis aos alunos do que os próprios alunos. Em sua maioria os professores consideraram que acontece apenas em algumas aulas a demora em fazer silêncio, a bagunça dos alunos, a dificuldade em prestar atenção e a preocupação dos alunos em entender a matéria. Já os alunos assinalaram para as questões equivalentes que os mesmos fatos acontecem na maioria das aulas.

Nas públicas houve menos discrepância na percepção dos professores no tocante a demora em fazer silêncio com relação às outras escolas.

Tabela 10 - Frequência com que os alunos demoram em fazer silêncio - questionário de alunos e professores

			Judaica		Bilíngüe 2		Confessional 2		Alternativas		Públicas	
			Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.
Frequência com que os alunos demoram para fazer silêncio	Na maioria das aulas	Freq. %	32 42,1%	10 66,7%	17 23,9%	0 ,0%	43 44,8%	4 23,5%	71 73,2%	12 37,5%	73 38,6%	17 40,5%
	Em algumas aulas	Freq. %	42 55,3%	4 26,7%	54 76,1%	7 100%	49 51,0%	13 76,5%	26 26,8%	19 59,4%	112 59,3%	25 59,5%
	Nunca	Freq. %	2 2,6%	1 6,7%	0 ,0%	0 ,0%	4 4,2%	0 ,0%	0 ,0%	1 3,1%	4 2,1%	0 ,0%
Total		Freq. %	76 100%	15 100%	71 100%	7 100%	96 100%	17 100%	97 100%	32 100%	189 100%	42 100%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

**Tabela 11 - Frequência que há barulho e desordem na sala de aula -
questionário dos alunos/
Os alunos são bagunceiros - questionário dos professores**

			Judaica		Bilíngüe 2		Confessional 2		Alternativas		Públicas	
			Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.
Frequência Na maioria das aulas com que os alunos são bagunceiros - há Em algumas aulas e desordem na sala de aula.	Freq.		15	2	12	0	27	0	57	2	63	7
	%		20,0%	13,3%	16,9%	,0%	28,1%	,0%	58,8%	6,3%	33,3%	16,7%
Total	Freq.		75	15	71	7	96	16	97	32	189	42
	%		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

**Tabela 12 - Frequência que os alunos não prestam atenção ao professor -
questionário dos alunos
Frequência que os alunos têm dificuldade em prestar atenção - questionário dos professores**

			Judaica		Bilíngüe 2		Confessional 2		Alternativas		Públicas	
			Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.
Frequência com que os alunos não prestam atenção ao professor - que os alunos têm dificuldade em prestar atenção à aula.	Freq.		6	0	5	0	10	0	15	4	25	2
	%		7,9%	,0%	7,0%	,0%	10,4%	,0%	15,3%	12,5%	13,2%	4,8%
Total	Freq.		76	15	71	7	96	16	98	32	189	42
	%		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Tabela 13 - Frequência com que os professores explicam até que todos os alunos entendam a matéria - questionário dos alunos
Frequência que os alunos preocupam-se em entender a matéria- questionário dos professores

				Judaica		Bilíngüe 2		Confessional 2		Alternativas		Públicas	
				Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.	Alunos	Prof.
Frequência com a maioria das aulas explicam até que todos os alunos entendam a matéria - preocupam-se em entender a matéria?	com Na maioria das aulas	Freq. %	Freq. %	44	7	48	5	63	14	56	18	115	29
				57,9%	46,7%	67,6%	71,4%	65,6%	82,4%	57,1%	56,3%	60,8%	69,0%
a Em algumas aulas	a Em algumas aulas	Freq. %	Freq. %	29	7	21	2	27	2	38	14	70	12
				38,2%	46,7%	29,6%	28,6%	28,1%	11,8%	38,8%	43,8%	37,0%	28,6%
Nunca	Nunca	Freq. %	Freq. %	3	1	2	0	6	1	4	0	4	1
				3,9%	6,7%	2,8%	0,0%	6,3%	5,9%	4,1%	0,0%	2,1%	2,4%
Total		Freq. %	Freq. %	76	15	71	7	96	17	98	32	189	42
				100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura. 2004.*

Sobre a entrega dos trabalhos escolares no prazo, as frequências maiores foram dos professores respondentes das escolas judaica e confessional 2, com 71% na maioria das aulas. A taxa nas respostas sobre se fazem os deveres sem atraso foi a mesma para os alunos da escola judaica e próxima para os alunos da confessional 2 (68%). Nas alternativas os professores tiveram uma representação menos positiva do que a dos alunos, respectivamente 39% e 62%. Os alunos das escolas públicas tiveram representações próximas as dos professores sobre este item.

Os alunos de todas as escolas têm uma representação muito positiva sobre as escolas. Na grande maioria eles consideram que a escola é um lugar em que fazem amigos facilmente (90%), ficam à vontade (91%) e discordam que a escola seja um lugar em que eles ficam incomodados ou fora do lugar (89%). A escola

será um lugar onde eles ficam entediados apenas para 32% dos alunos¹¹. Os alunos também consideram que freqüentemente os professores estão disponíveis para esclarecer as suas dúvidas (87%) e que os incentivam a melhorar (80%). A representação também é favorável na questão sobre se os professores explicam até que todos os alunos entendam: assinalaram "freqüentemente" 62% dos estudantes.

Sobre se os professores deixam os alunos expressarem suas opiniões nas aulas e se eles se relacionam bem com os alunos, as representações dos alunos das escolas investigadas não foram tão semelhantes. Os estudantes da escola judaica juntamente com os das duas públicas foram os que menos assinalaram que os professores relacionam-se bem com os alunos. Sobre se os professores deixam que os alunos da escola expressem suas opiniões, os alunos das escolas públicas responderam de forma semelhante aos alunos das escolas confessional 2 e da judaica, com 60,8%; no caso das alternativas o valor sobe para 78,4%. A escola bilíngüe 2 teve mais de 80% nos dois aspectos. Provavelmente as turmas pequenas nesta última escola, de 18 alunos em média, seja um facilitador das relações entre professores e alunos, fato inclusive mencionado por um professor como uma qualidade da escola.

¹¹ Sendo que 7% concordam totalmente com isso e 25% apenas concordam.

Tabela 14 - Frequência absoluta e relativa sobre o relacionamento dos professores com os alunos, de acordo com a percepção dos alunos, segundo a tipologia das escolas

			CPII	Púb. Federal	Confessional 2	Bilíngüe 2	Alternativas	Judaica
Os professores relacionam -se bem com os alunos	Frequentemente	Freq.	76	36	62	57	75	30
		%	61,3%	55,4%	64,6%	81,4%	76,5%	40,0%
	Poucas vezes	Freq.	47	28	32	13	23	44
		%	37,9%	43,1%	33,3%	18,6%	23,5%	58,7%
	Nunca	Freq.	1	1	2	0	0	1
		%	,8%	1,5%	2,1%	,0%	,0%	1,3%
Total		Freq.	124	65	96	70	98	75
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Tabela 15 - Frequência absoluta e relativa sobre se os professores deixam os alunos expressarem suas opiniões nas aulas, de acordo com a percepção dos alunos, segundo a tipologia das escolas

			CPII	Púb. Federal	Confessional 2	Bilíngüe 2	Alternativas	Judaica
Os professores deixam os alunos expressarem suas opiniões nas aulas?	Frequentemente	Freq.	74	41	59	64	76	45
		%	59,7%	63,1%	61,5%	90,1%	78,4%	60,0%
	Poucas vezes	Freq.	48	24	33	7	19	29
		%	38,7%	36,9%	34,4%	9,9%	19,6%	38,7%
	Nunca	Freq.	2	0	4	0	2	1
		%	1,6%	,0%	4,2%	,0%	2,1%	1,3%
Total		Freq.	124	65	96	71	97	75
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: SOCED: Pesquisa *Processos de Qualidade de Ensino. Escola, família e cultura*. 2004.

Em conversas informais com diretores e coordenadores nas escolas investigadas a questão de que os pais não impõem limites aos filhos, deixando este trabalho para a escola, apareceu sempre. Na escola Pública Federal a diretora deu o seguinte depoimento:

"As famílias que mais fazem isso, mais querem interferir no trabalho da escola, são as famílias que têm muita dificuldade em estabelecer regras, limites para seus filhos. Eles acham que é a escola que tem que estabelecer tudo. Não é uma fala consciente, articulada, tem que fazer isso ou aquilo. É uma fala de transferir pra escola uma coisa que é da sua responsabilidade."

Este tipo de controle da família esperado pela escola está atualmente mais difícil, pois como Lasch (apud Mizrahi, 2004, p.31) afirmou a separação entre amor e disciplina vivida pelas famílias tem como consequência a dificuldade dos pais de impor limites aos jovens. Por uma série de motivos, entre os quais a diminuição efetiva do tempo passado com os filhos, os pais acreditam que devam ter momentos agradáveis com eles e em consequência tendem a ser cada vez mais permissivos em relação ao comportamento dos filhos. A responsabilidade por impor regras e normas sociais aos filhos passa a ser delegada cada vez mais a agentes externos como a escola, por exemplo. A família reconhece a regra da escola, mas quer que a própria escola a imponha.

Esta permissividade dos pais em relação aos filhos também pode ser pensada como fruto de uma educação na qual as regras, mais do que impostas, são discutidas e embasadas no diálogo. Os pais tendem a definir ou atuar com regras que tenham um fundamento, não se sentem mais à vontade para determinar comportamentos apenas porque assim o desejam.

No *survey* fizemos uma pergunta aberta para saber como os professores caracterizariam os alunos da escola se comparados com os alunos de outras escolas. Dos 17 docentes respondentes do CPII, 6 deram depoimentos positivos em relação aos alunos, descrevendo-os como alunos "acima da média", que estão

"melhor preparados (conhecimento) do que os alunos da rede pública", etc. A classe social dos alunos foi salientada por 7 professores, 2 dizendo que a escola a heterogeneidade "contribui para sua formação como cidadão", "por ser uma escola heterogênea (socialmente) possibilita ao aluno uma melhor compreensão da realidade do nosso país". Outros 3 apenas acusando as diferenças sócio-econômicas dos alunos. Depoimentos negativos foram 2, ambos referindo-se ao comportamento dos alunos como desinteressado e indisciplinado. Esses depoimentos não diferiram muito dos realizados nas outras escolas, em sua maioria os professores apresentaram aspectos positivos dos seus alunos, apenas poucos salientando a falta de interesse ou a indisciplina. Os aspectos positivos variaram, na outra escola Pública Federal o aspecto mais apontado foi o engajamento político dos alunos e sua capacidade crítica.

A despeito de algumas diferenças percebidas a partir do material do survey, em sua maioria as escolas de prestígio se assemelham bastante no que tange a atitude dos pais em relação à escolaridade dos filhos, na autopercepção dos alunos.

Referências Bibliográficas:

MIZRAHI, Beatriz. **A relação pais e filhos hoje** - a parentalidade e as transformações no mundo do trabalho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

MONTANDON, Cléopâtre & PERRENOUD, Philippe. **Entre parents et enseignants: un dialogue impossible?** Vers l'analyse sociologique des interactions entre la famille et l'école. Berne; Francfort-s.Main; New York, Paris: Lang, 1987. (Exploration: Série: Cours et contributions pour les sciences de l'éducation)

NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (Orgs.) **Família e Escola:** Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.7, p.42-56, Jan/Fev/Mar/Abr 1998.

SILVA, Pedro. **Escola-Família, uma relação armadilhada** - Interculturalidade e relações de poder. Porto: Ed. Afrontamento, 2003.